

04/10/2017 às 08h11

## **A democracia hackeada: FGV mede impacto dos robôs no Twitter**

**Victor Candido**

Os EUA não estão sozinhos em lutar contra perfis automatizados que aproveitam momentos de agitação política para propagar informações falsas nas redes sociais e assim influenciar o debate.

Russos à parte, o problema já chegou ao Brasil.

O fenômeno (de conhecimento empírico para muita gente que frequenta as redes sociais) foi medido por um novo estudo publicado pela Diretoria de Análise de Política Públicas da Fundação Getulio Vargas. (<http://dapp.fgv.br/robos-redes-sociais-e-politica-estudo-da-fgvdapp-aponta-interferencias-ilegitimas-no-debate-publico-na-web/>)

Dez pesquisadores trabalharam no projeto, de matemáticos a analistas de redes sociais, numa extensa revisão de literatura e análise das bases de dados do debate político nacional que consiste em milhões de tweets.

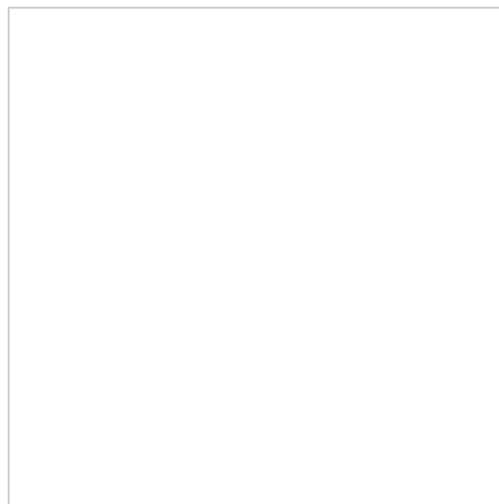
Por questões de facilidade metodológica o estudo focou apenas no Twitter, mas o problema não fica restrito à rede do passarinho azul.

Segundo o estudo, os robôs estão ganhando terreno na discussão online desde a eleição presidencial de 2014. Ao longo daquela campanha, contas-robôs foram responsáveis por 10% do debate no Twitter.

Três anos depois, na greve geral de abril deste ano, o número subiu para 20%.

Em outras palavras, uma em cada cinco opiniões no Twitter durante a greve geral não vinha de uma pessoa, e sim de uma conta-robô programada para interferir no debate.

Segundo pesquisa do Pew Research Center -- um *think tank* americano respeitado por ser apartidário -- 62% dos americanos já se informam pela internet, enquanto 64% se dizem confusos quanto à veracidade de alguns fatos.



No Brasil, segundo dados da Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República, 49% dos brasileiros já se informam pela internet, número que seguirá em crescimento.

Para o diretor do ITS - Instituto de Tecnologia e Sociedade e pesquisador do MIT Media Lab, Ronaldo Lemos, a democracia corre perigo com o avanço dos robôs e das *fake news*:

“Acredito que a democracia está passando por uma momento de crise no Ocidente por várias razões. Robôs e fake news são parte desse problemas. Eles transformam a esfera pública num campo de batalha sitiado e ocupado. Além disso, geram uma exclusão enorme. Quem tem acesso a robôs e fake news é quem tem dinheiro. Essas

estratégias diminuem a importância do cidadão comum e aumentam o poder de quem tem recursos financeiros para manter esse tipo de ação de forma permanente.”

Lemos acredita que a melhor forma de combater os robôs é com informação, o que inclui identificar a origem do dinheiro e expor os grupos que financiam as ações.

“Acho que a solução não é legal, ao menos por agora. As plataformas também têm um papel essencial a cumprir. Há sites, perfis e páginas que se especializam no chamado 'assédio direcionado', isto é, que se concentram em atacar visões contrárias à sua, de forma violenta e sistemática. O assédio direcionado hoje já viola os termos de uso da maioria das redes sociais e precisa ser detectado.”

No Brasil, as eleições de 2018 não contarão com o financiamento privado de campanha. Com isso, o caixa será bem mais curto, e a internet deve ter um papel ainda mais relevante. “Com certeza haverá uma grande batalha nas redes sociais,” diz Lemos.

O estudo da FGV mostra que os robôs não são nem 'de direita' nem 'de esquerda'. Eles se posicionam em *ambos* os extremos ideológicos.

Na última eleição presidencial, em 2014, 9,7% dos tweets em apoio a Dilma Rousseff vieram de contas automatizadas; para Aécio Neves, o número foi de 19,7%. No impeachment, 21,4% dos apoios a Dilma vieram de robôs.

## Tags

**Mercado de ideias    Eleições 2018**